

Boletim

I SÉRIE

31
DE
MARÇO
DE
1948

ANO I N.º 9

PREÇO 2400

DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

EDITOR:
ARG. JERÓNIMO REIS

REDACTORES:

ANTÓNIO GAIO
CARLOS P. MORAIS

DIRECTOR

HIGINO AUGUSTO PIRES

PROPRIEDADE

DA
A. A. E.
(SECÇÃO CULTURAL)

COMPOSTO E IMPRESSO

TIP. PROGRESSO

— ESPINHO —

ADMINISTRADOR:
JOAQUIM DO SOUTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO (Provisória): Rua 11-483—ESPINHO

PUBLICA-SE MENSALMENTE

PEÇO A PALAVRA...

CULTURA

I

Dos artigos anteriores conclue-se que Cultura, como actividade social do homem que é, representa a síntese desse mesmo homem e das suas ideias, é a Acção resultante da interferência mútua desses elementos. Quando se faz das ideias, e só delas, *Cultura*, então sem o apoio dinamizante que lhe confere o Homem, cai-se no artifício, na mentira, na secura, no inútil, numa proposição sem sentido.

Só tem sentido lógico aquela cultura que sendo um corpo único, um agregado de ideias, as realiza no campo social, onde, por outro lado, ela vai colher elementos para a sua estruturação.

Isto é: — a cultura é função de vários elementos, de que os principais são o Homem e suas super-estruturas ideológicas; estas por sua vez brotam das determinantes económico-sociais, do instante histórico, pelo que *Cultura* é uma constante actualização, uma coisa que é e não é, simultaneamente.

Daqui resulta que toda a cultura que se afasta destes termos, é forçosamente falsa e, até, suspeita.

E, creiam-me, isto não é ser dogmático...

II

Tenho procurado, até aqui, dar uma ideia do que é e o que significa *Cultura*.

Por imperativos de vária natureza — como a necessidade da síntese, em vistas de poupar espaço — a coisa resultou vaga, imprecisa e tósca, não significando tal insuficiência, a meu vêr, que, pelo menos, o conceito geral, esquemático, não tenha sido aproveitado e compreendido pelo leitor.

Assim sendo, posso afirmar que desapareceu uma ideia cerada — a de que *Cultura* é um monstruoso e gigantesco somatório de conhecimentos, um edi-

Continua na pág. 3

EDITORIAL

Da Montanha à Planície!

Nós, que vivemos a ideia clubista e desportiva no seu mais puro sentido, positivamente divorciados das paixões desportivas e das políticas do Homem, e trabalhamos por um bem estar desportivo e cultural, recreativo e educativo, que não encerra, antes combate a possibilidade de convulsões de qualquer ordem, somos, a espaços, açoitados pelo vento agreste e frio da desconfiança. E, quando pensamos, por ocuparmos meritòriamente as cumiadas da **SINCERIDADE**, que as nossas raras faltas nos fossem apontadas com benevolência e compreensão, permitindo-nos saná-las sem que houvesse necessidade de nos compelirem à penitência punitiva, eis que do alto da serra brava, inóspita mas pura onde moramos somos empurrados e lançados na queda, lacerando nas pedras da encosta todos os nossos bons intentos e virtudes para acabarmos estatelados na atmosfera abafada e nevoenta cujo liso e chão terreno, repleto de miasmas, a todos nivela e conspurca.

E esta descida rápida desola-nos e entristece-nos tanto, que será precisa invulgar coragem para subir de novo a rugosa encosta que nos levaria, uma vez mais, para o nosso cantinho obscuro, que por fôrça do destino fomos obrigados a deixar. Da Montanha rolando para a Planície, o caminho doi, mas a chegada é rápida. Da Planície para a Montanha o caminho é tentador e reconfortante na estreia, mas terrivelmente confrangedor e esgotante na repetição, acabando, quasi sempre, por amolecer ou liquidar o espírito e membros já cansados do alpinista.

Eis o que poderá suceder á Ass. Académica de Espinho se os organismos desportivos dos quais depende não respeitarem o significado da palavra Desporto.

MARÉS VIVAS

EMIGRAÇÃO

Através da história da Civilização, encontramos sempre, por detrás dos altos cometimentos, das maiores descobertas e dos grandes vultos, a ambição humana. Ela é a geradora das mais profundas evoluções sociais e a origem da grandeza e miséria dos povos.

Do desejo de emancipação económica derivam várias consequências e entre elas está a emigração — a demanda dum sol que ilumine riquezas. A atração de melhores condições de vida foi sempre a causa dos grandes deslocamentos populacionais. De efeitos benéficos, e não se pode negar o papel desempenhado pela emigração na construção dos grandes países, ela torna-se prejudicial quando mal orientada. Assim, e tomando o caso local, a emigração de portugueses para países sul-americanos tem dado riqueza mas também tem causado miséria.

O insucesso vem da falta de preparação técnica de muitos que partem, sem cuidados meios de que se servirão para lograr exito.

Ora, para evitar a miséria fora da terra natal e do mesmo modo a deserção da faina agrícola, o que muito prejudica os interesses nacionais, o Governo achou por bem condicionar a emigração.

Deste modo, além da infelicidade dos que, obsecados pela ambição, vão em busca da riqueza, se evitará a perda de prestígio duma Nação que autoriza a saída para o estrangeiro de naturais inaptos para a vida profissional e natural.

VISADO PELA CENSURA

Crítica Social

Ponto final na questão

Se me tivessem dito que o mar secou, não seria para mim motivo de tanta estupefacção, quanto o foi por saber que Florentino puzera ponto final na questão das saias curtas e compridas!

Porém isto é uma prova de que tudo pode acontecer e até ao imprevisível está reservado lugar para quando lhe chegar a vez. Há coisas a que se põe termo, por diversas razões: comodismo, falta de tempo, deixar-se de dar importância a certos casos etc. Eu também não falo chinês porque não sei.

Eu já expliquei que, quando de mim nasceu aquela opinião «pessoalíssima», estava longe de supôr que alguém pretendesse abrir polémica e muito mais ainda (afastadíssimo!!!) que esse alguém pudesse vir a ser Florentino. E, após o seu ataque cercado, achei por bem não desistir. (Ele talvez não pensasse isso!), mas eu que, embora involuntariamente, havia proclamado guerras, jurei a mim mesmo não arredar pé do campo da luta, a não ser que caísse «mo. talmente ferido».

Logo que as armas se cruzaram, encontrei-me entre dois campos que me puxaram cada qual para si: a minha inteligência e o meu orgulho. A primeira alcunhava-me de muitos nomes feios e ridículos; o segundo incutia-me coragem e elogiava-me, a pronto de me envaidecer. Acabei por me inclinar para o último, esquecendo o primeiro, o que me poderia acarretar graves consequências... se não se produzisse o tal «fenómeno»!

Mas, enfim, tudo acabou. Sou o grito de «Rendo-me» de quem menos se esperava.

Que o Florentino não vá pensar outra vez, que este escrito está a pedir outra polémica. Não Senhor.

Eu simplesmente quíz acabar e não deixar que o Senhor acabasse aquilo que eu principiei. Comecei por criticar a saia comprida, não foi? Acabei por ridicularizar a mulher antiga, não é verdade? Pois continuo a manter tudo o que disse.

... E agora sou eu quem põe ponto final na questão.

D. Sebastião

A PELO

Continuado da pág. 8

tente e impõem à Direcção uma política de estricção economia com um natural cerceamento de despesas.

Tal estado de coisas justifica o apelo que vai fazer-se aos associados a simpatizantes do clube para o auxiliar em monetariamente na aquisição da casa anexa ao Rink cuja utilidade acima apontamos.

No próximo mês de Abril serão formadas comissões para angariação de fundos para este fim, esperando a Direcção da A. A. E. que sejam compreensivamente acolhidas dado o que se pretende atingir.

UM POUCO DE BOM HUMOR

OS NOSSOS ARTIGOS CIENTIFICOS

N.º 4

A A'GUA

por Dr. VITT. HÜSSU

Composição da água — A água pura é uma combinação, quimicamente homogénea, de composição H^2O .

A água impura é vulgaríssima no comércio, com o nome de vinho. Além do Oxigénio e Hidrogénio, nunca faltam nas águas, certos cloretos, nitratos e bases fracas, mas, bem vistas as coisas, também não será difícil reconhecer nelas, navios a vapor, barcos à vela e tubarões.

Estes últimos constituem o mais grave dos perigos aquáticos, segundo uns, mas segundo eu próprio, o máximo perigo das águas é o novo «espécimen» perigosamente mortal, cuja presença, é mais que suficiente para fazer trocar a vista a um cego ou derreter um esquimó num «iceberg».

E' da família das Sereias; espécie Ester William's; género mortal; variedade despida e raça abraçadora.

As combinações deste novo «perigo de morte - Cuidado, não tocar!» são completamente desconhecidas (pelo menos para mim). São combinações tam íntimas que o segredo da sua forma é um mistério «quasi» universal, mas não andarei longe da verdade se disser que 80% dessas combinações... são de seda animal.

A classificação deste novo complexo animal, mixto, indefinido dos 3 reinos, não é um facto universalmente aceite, havendo várias teorias em estudo, mas das quais a mais aceitável é sem dúvida esta:

- Nua — é mortal
- Em fato de banho — é doentia, abraçadora
- Com saias curtas — é escaldante
- Com saias compridas — é a vontade do Florentino.

VARIÉDADES DA A'GUA

E' extraordinariamente enorme a diversidade de águas que existem. Entre elas deve salientar-se pela sua aplicação universal, a água-ardente, a água-pé, a água-benta, a água de Colónia, as águas-furtadas, as águas-raz e as aguarelas.

A'gua-pé — (preparação) — Numa bacia de esmalte azul ás bolinhas, com o diâmetro de $2\sqrt{ix}\sqrt{V\pi}$ e uma altura desta dimensão, lavam-se os pés a uma vítima (escolhida por sorteio da Santa Casa de Misericórdia) durante 1/4 de hora. Depois de ter os pés lavados, o infeliz escolhido vai para casa onde coloca uma lápide comemorativa do dia em que lavou os pés (Há casos de mártires que morreram com 3 lápides em casa, mas são raríssimos.)

Entretanto evapora-se à secura o resíduo da bacia e o conteúdo, depois de purificado, constitue a água-pé.

A'gua-ardente — E' a mais procurada e a de mais uso. Para a preparar usa-se em método semelhante ao usado no processo da água-pé, mas a vítima escolhida para tomar o banho, é que terá de ser

uma vítima à «Ester William's» a 100%...

A sua introdução na água é mais que suficiente para a fazer ferver, de modo a torná-la bastante ardente.

A'gua-benta — E' a água de menos uso que se conhece. De efeito puramente religioso, opõe-se à água-ardente, de efeito puramente lastimoso.

A'gua de Colónia — Bastante rara agora, devido aos bombardeamentos, espera-se o seu ressurgimento para breve.

A'gua-régia — é outra importante variedade deste precioso líquido. A água régia, conhecida como dissolvente do ouro, pode, com ouro em solução, transformar-se, pela introdução de corpos estranhos, em água-furtada.

A'gua-fervida — Utilíssima para lavar os dentes, é a mais abundante água-raz... ca. Como também se utiliza nos partos e bons-sucesos, toma ainda o nome de água-mãe.

As utilidades da água, se bem que diminuindo cada vez mais, são ainda abundantes. Certos poetas de água doce, utilizam-se dela ainda como refrescante e para matar a sede — como são incompreendidos os poetas — e a utilização da água para fins mais ou menos higiênicos toma agora um carácter episódico e... patológico.

Modestamente, as pessoas vão lavar-se para a Piscina.

OUTRAS PROPRIÉDADES DA A'GUA

E' um líquido biológico de grande interesse para o organismo. A passagem do estado sólido a líquido chama-se fusão, mas fusão é também a passagem do estado de solteiro ao de casado. Esta última fusão de carácter extremamente instável é também conhecida como enforcação. A temperatura de fusão dum líquido chama-se ponto de fusão e à temperatura de enforcação chama-se ponto de sogratição.

A água vaporiza aos 100 graus. O homem enforca-se aos «sem graus... de juízo»

A água solidifica a 0° (zero). O homem enforcado anda a 9 e ferve muito menos.

A água nas condições normais, é um líquido. O homem enforcado é um «liquidado»

A'guas minerais — De carácter médico, têm coutudo, por vezes, efeito contraproducente. Ainda recentemente, na autópsia dum pigmeu em Cacilhas, esta teve de ser feita por meio do dinamite, utilizando os métodos vulgares de exploração de pedreiras.

Só mais tarde, com grande espanto de toda a classe médica, se soube que ele passara a vida a beber água das pedras.

A A'GUA E A PRE'HISTÓRIA

Segundo as clássicas teorias científicas, a vida à superfície da

Carta de Longe

Não me foi possível — bem contra a vontade — assistir ao Recital de Poesia, integrado no programa comemorativo do X aniversário da Associação Académica, e em que pontificou, com toda a sua alma de Poeta, com toda a sua Arte de Declamador, o meu amigo Florentino Goulart — um bom rapaz, todo espiritual, honra-lhe seja!

Calculo o que tenha sido, em beleza, a noite de 12 de Março, glorificadora do Ritmo e da Rima! No Salão Nobre do Sporting de Espinho, perante uma assistência, que eu suponho ter sido numerosa, porque só tenho a certeza de que foi justa nos seus aplausos, decorreram, é certo, muitos minutos que o relógio contou, mas que nem o Tempo, nem a Vida, por mais que tudo seja efémero, conseguirão, um dia, apagar na memória de quem os viveu.

Só no dia seguinte ao do Recital, recebi o programa-convite, que, muito amavelmente, me remeteram, supondo, — como era de supôr — quem o deitou ao correio, não ser possível, entre Espinho e Crestuma, mediar (oh! Céus!) uma distância correspondente a três dias de viagem! Mas foi assim mesmo. Contra factos, não há argumentos!

Tenho muita pena — repito — de não ter assistido a esse belo serão poético, onde o Florentino rezou versos, de St.ª Teresa de Jesus, depois da «Ode a Baco» de Miguel Torga!

Quero entretanto, exarar-lhe, publicamente, ao Poeta e ao Declamador — afinal, duas ambições minhas, que não tenho a menor ideia de ter alcançado! — a admiração sincera que lhe devoto, pelo muito que já tem feito, conseguindo firmar um Nome, sem nunca — creio eu — ter sido jogador de futebol! Já é preciso ter-se valor!

* * *

Outro Amigo, também Poeta e, já agora, também laureado na Arte de Bem-Dizer — quero referir-me a Vasco de Lima Couto — endereçou-me, um destes dias, de igual modo, um amável convite para um dos seus múltiplos e famosos recitais, desta vez a

Continua na pág. 3

terra, teria começado pelo aparecimento de seres marítimos. O homem, antes de atingir o desenvolvimento actual, seria semelhante a gigantescos peixes, de enormes proporções e o seu «habitat» seria francamente aquático.

Esta é a teoria mais aceitável sobre a origem da espécie humana e também a mais razoável, dada a reconhecida tendência de certos realizadores cinematográficos para «meterem a'gua» e «afundarem-se até ao pescoço» sempre que manifestam as suas actividades profissionais.

Eu não queria voltar a falar nisto, mas... francamente, já viam. «Bola ao Centro»?...

— Talvez esteja aí a explicação de tudo.

Quem sabe?!...

Critica Social

Os Pescadores de Espinho

Estão quasi prontas as obras de interesse social, integradas no «conjunto» do n6vel Bairro Piscat6rio de Espinho. Assim, veremos em breve, uma capela, uma creche e um posto de puericultura, contribuindo para a melhoria do n6vel de vida dos nossos pescadores. Tal facto lembrou-me algumas considera66es sobre o estado moral e econ6mico do meio que aqueles melhoramentos ir6o beneficiar.

A classe piscat6ria de Espinho, atravessa h6 j6 alguns anos uma crise que a bem debilitando e aviltando, restando hoje, no quadro que se nos depara, a mis6ria e a deprava66o de costumes.

Como n6o podia deixar de ser, a principal causa do mal reside no factor econ6mico aliado ao deficiente amparo moral que o pescador sempre recebeu, merc6 do mito da psicologia do vareiro. E 6 aquele mito, a desculpa dada pela sociedade quando a consci6ncia lhe mostra dezenas de seres humanos vivendo numa mis6ria degradante.

Desfa6a-se a cren6a de que o vareiro 6 diferente; a psicologia de cada um 6 moldada e determinada pela educa66o e n6o por atavismo. Diz-se que o pescador s6 vive para o mar e s6 sabe lidar com ele, convencemo-nos todos disto, e pronto—h6 uma crise por via dos elementos e dos homens—fica o pescador a olhar o mar e n6s, os caridosos, iludimo-nos atirando-lhe esmolas. Ora, se o vareiro, habituado desde menino a ver no mar o fim e a raz6o da sua exist6ncia, aprendesse a lan6ar m6o de outros recursos quando aquele lhe negasse o p6o de cada dia, seria evitada a fome e com ela todas as consequ6ncias que est6o 6 vista.

Compete 6 sociedade espinhense quebrar com a paz p6dre que envolve t6o delicado problema, inspirando 6 Escola novas directrizes para a forma66o dos nossos pescadores. Sem os fazer descreer do mar, 6 preciso fazer-lhes ver que t6m de olhar para a terra, j6 que lhes negam os meios necess6rios para uma faina mar6tima com continuidade e proveitos suficientes para uma vida digna e limpa.

Sim, a origem do mal presente est6 num factor econ6mico—a falta dum pequeno porto de pesca.

Mas, se 6le j6 foi pedido e defendido com ardor e at6 hoje n6 sequer existe uma promessa, temos de acreditar que a sua realiza66o pertence ao mundo dos sonhos. E, sendo assim, n6o se pode acritar numa classe piscat6ria sem meios necess6rios e suficientes para o ser. N6o 6 apenas um aperfei6amento, o pequeno porto de pesca, n6o o justificam s6mente os benef6cios econ6micos que traria 6 Espinho, 6 mais, 6 a raz6o de ser duma classe, o p6o de seres semelhantes.

N6o podemos continuar a viver nesta indiferen6a egoista e cruel. Se n6o temos o porto de

Talvez seja verdade...

QUE os Comediantes de Lisboa pisam o palco do Teatro S. Pedro no pr6ximo m6s de Abril, a 9 ou 10 com a pe6a "O Conde Bar6o"...

QUE com eles vem o Villaret...

QUE uma parte da plateia teatral espinhense n6o est6 preparada intelectualmente para receber certas pe6as.

QUE no dia 6 de Abril pr6ximo tamb6m teremos teatro.

QUE foram entabuladas negocia66es para a apresenta66o dos grupos de basquetebol do C. F. "Os Belenenses", Sport Lisboa e Benfica e Atl6tico Club de Portugal, em Espinho, no Rink de Patinagem...

QUE se espera levar a termo as negocia66es para a apresenta66o do grupo de Ping-Pong, em Espinho, do Sport Lisboa e Benfica...

QUE, depois do futebol, agora basquetebol e ping-pong, o Benfica deu mais um passo em frente para "benfizar o ambiente"...

QUE o voleibolista espinhense Alberto Alves n6o volte a enver-

gar a camisola preta e branca do Sporting local...

QUE se preparam mais algumas deser66es naquela modalidade dentro do mesmo clube...

QUE o Jo6o Gon6alves vai ser afastado tempor6riaamente da pr6tica desportiva devido 6s suas atitudes pouco recomend6veis...

QUE o M. C. B. exagera um pouco o caso do Jo6ozinho...

QUE o recital po6tico do Florentino deu no «g6to»...

QUE a Direc66o do Sport. C. de Espinho vai nomear um Conselho T6cnico para a sec66o de futebol, com largos poderes, mas devidamente regulamentados.

QUE o L'Air Liquide n6o devia disputar o campeonato regional de hoquei em campo, mas sim o campeonato corporativo.

QUE o «Benfica» conseguiu mais do que algumas datas c6lebres, visto ser «feriado» na data em que c6 jogou...

QUE h6 quem torne a falar na fus6o da Acad6mica com o Sporting.

Carta de Longe

Continuado da p6g. 1

effectuar no Sal6o Nobre do Coliseu do Porto. Neste momento—quem sabe o que o futuro d6?!...—n6o sei ainda se devo assistir. E' que desta vez, o caso muda de figura. Vasco de Lima Couto, que leu, um dia, «A Hist6ria da velha mesa» dum certo Eug6nio Paiva Freixo, de quem eu pr6prio mal me lembr6, teima em querer incluir, nesse recital, as fr6geis rimas desses versos tristes. Se muito me honra tal distin66o, para a qual n6o encontro palavras de agradecimento, tamb6m 6 certo que me aflige a ideia de ter que assistir, sem poder chorar, bem alto, a minha dor, ao renascer, para uma vida de segundos, do poeta-menino que j6 morreu dentro de mim!

N6o, meu caro Lima Couto, naturalmente, e desde j6 lhe pe6o desculpa, n6o vou ao seu recital. E tenho pena—acredite!

Mas n6o me 6 poss6vel acrescentar mais saudades 6s muitas que j6 tenho de mim mesmo!

Contra o costume, a «Carta de Longe» 6 quase, este m6s, um simples bilhete postal. Reconhe6o que o «Boletim» necessita de espa6o para assuntos de maior realce, ou, quando muito deve dar-se a prim6sia a quem, melhor do que eu, satisfa6a as exig6ncias dos leitores, que, nunca por nunca, gostam de comer gato por lebre.

E, nesta ordem de ideias, at6 6 pr6xima, meus amigos. Saudades do

Eug6nio Paiva Freixo

X ANIVERSARIO

Jogos Florais da A. A. E.

Sem obter o exito esperado, os Jogos Florais registaram, no entanto, concorr6ncia digna de apr66o. Estimulados pelos resultados destes «Jogos», tencionamos, perante esta promessa de um 6xito maior, renovar a iniciativa todos os anos, criando assim uma iniciativa digna de uma Ass. Acad6mica.

O juri, composto pelos sr.s Carlos de Moraes, Dr. Ant6nio Nunes das Neves e Florentino G. Nogueira, classificou os trabalhos recebidos do modo seguinte:

Poesia:
1.º pr6mio: Soneto *Calma* de Em6lio Machado da Costa Rosa.
2.º pr6mio: *Confiss6o*, poesia de Em6lio Machado da Costa Rosa.
3.º pr6mio: *Vida Dolorosa*, de M6rio Avelino de Castro Correia.

Quadra:
1.º e 2.º pr6mios: Jorge Collus Conto:

1.º pr6mio: *Um amigo traidor*, de Ubaldina da Silva Pais.

2.º pr6mio: *Ladeira apagada*, de Abel de Magalh6es Figueiredo.

O juri decidiu atribuir um pr6mio especial 6 cr6nica *Gl6ria Natural*, de Jorge Collus

Ensaio, 1.º pr6mio: *Ensaio Hist6rio*, de Ant6nio Joaquim de Oliveira.

Os pr6mios atribuidos ser6o entregues em Sess6o Sol6ne a realizar brevemente.

L6de, assinae e propagai

BOLETIM

Critica Social

Os Pescadores de Espinho

pesca, procuremos por meio da educa66o abrir-lhes novos caminhos para a luta da vida.

Repito: n6o acreditemos numa psicologia pr6pria do vareiro que o torna incapaz de outra vida que n6o seja a do mar; para bem da comunidade h6 que criar um pescador que s6 o seja quando os elementos e a boa-sorte o permitirem.

E' certo que aos esp6ritos para quem os vareiros s6o apenas os «vareiros»—gente suja de corpo e alma que passa vida a fazer barulho,—passa despercebido o problema destes trabalhadores que t6m campo—o mar, mas n6o possuem arados capazes.

Nunca se deram ao trabalho de verem a mis6ria que passa e os aborrece com a «pedinchice» ou os deixa mal dispostos com o fartum que se desprende dos corpos consumidos pela fome. J6-mais procuraram ver o porqu6 de tamanha degrada66o social. Para eles h6 exag6o no que fica escrito, porque nunca olharam de perto; v6o 6s portas da Cantina Municipal e vejam a multid6o suja que ali vai buscar as nossas migalhas.

Mas ent6o, se existe um belo bairro piscat6rio com moradias limpas, como pode haver tanta sujidade moral e f6sica?

Senhores, a casa nada vale se n6o h6 p6o, e sem este a moral e a higiene s6o palavras 6cas e falhas.

Procurerem ver e encontrar6o um quadro bastante diferente do que julgam, e ent6o, estas considera66es ser6o justas, e, se a solidariedade humana existe, ser6 reconhecida a necessidade, a urg6ncia duma atitude, duma solu66o.

E a solu66o est6, na aus6ncia do porto de pesca, numa educa66o que leve o pescador a buscar o p6o fora do mar, p6o 6sse que ajudar6 6 regenera66o dos costumes e ao bom aproveitamento dos benef6cios que o Estado p6s 6 sua disposi66o e que s6o um Bairro com uma Capela e uma Creche.

Silveu

PE6O A PALAVRA ...

Continuado da p6g. 1

f6cio sombrio e inacess6vel, um bloco ap6tico e est6ril.

E, caro leitor, quando os objectivos duma cultura n6o s6o os de servir o Homem—isto 6:—estud6-lo, conhec6-lo e melhor6-lo—quando essa cultura o ignora ou quando o deforma, quando o ilude ou quando o teme, ent6o, isso j6 n6o 6 cultura, 6 Mentira, 6 Mistifica66o!

Muitas vezes, mesmo muitas vezes, vemos, n6o sei se com desgosto, se com um riso ir6nico, tal cultura a descambar no rid6culo, a afogar-se no grotesco e a alambazar-se em suculentas jantaras.

Talvez por coincid6ncia, essa cultura expulsa Einstein, persegue Freud e leva Zweig ao suic6dio.

Kim



O Recital da Académica

Teve foros de notável o recital de poemas promovido pela Associação Académica de Espinho, e no qual Florentino Goulart Nogueira, em estreia, se revelou um declamador de mérito.

O salão de festas do Sporting Club de Espinho encheu-se de uma multidão curiosa, e é consolador o ter-se verificado que, na nossa terra, há ainda quem dê por bem empregado o seu tempo, assistindo a festas de arte como a da noite de 12 do mês de Março corrente.

A Associação Académica está de parabéns pelo êxito da sua iniciativa de carácter puramente cultural, e o poeta-moço Florentino—aqui, neste caso, poeta e declamador—está igualmente de parabéns, pois a maneira como interpretou os poemas de várias escolas e os poemas de vários matizes empolgou e galvanizou a assistência numerosa que correu a escutá-lo, talvez incrédula ainda do lisongeiro nível de sua arte como declamador, mas que acabou por coroar o seu trabalho honesto e consciencioso com os mais quentes e sinceros aplausos.

Há que lamentar, apenas, que certas pessoas se tenham mostrado, a propósito deste recital, dum analfabetismo aflitivo em coisas de arte. Misturar arte com política é misturar, infantilmente, alhos com bogalhos.

Rapinações literárias

A propriedade literária e artística, desde os tempos bíblicos, sofreu sempre o flagelo dos plagiadores. Não se livraram da tentação de plagiar algumas das figuras mais eminentes da literatura mundial. Sempre assim foi, e sempre assim será pela vida além!...

Roubam-se notas de música como quem surripia notas do Banco! Roubam-se trechos de prosa, frases, versos, poemas inteiros, numa opulenta demonstração de penúria mental creadora!

Vem isto a propósito do recente plágio dum quadro do poeta Silva Tavares, saído em letra de forma numa revista feminina de grande tiragem—«Modas & Bordados»—de 3 de Março de 1948.

Esta revista lançou há tempos, nas suas páginas, um concurso louvável e curioso para recreio de suas leitoras que consta de quadras populares, originais e inéditas, e semanalmente dá o prémio de 100\$00 à melhor quadra recebida.

O prémio tenta, e, vai então, certa menina de Lisboa—a mais fina e astuta da sua rua—lembrou-se de concorrer também. Era fácil. Tinha ali à mão o livro «Vá de Roda», de Silva Ta-



Um cérebro com teias de aranha...

Já muito se tem escrito e, sobretudo, muito se tem desejado que a mudança das instalações da C. P. se efectue para a variante que aquela Companhia possui a nascente da Vila e paralela à Avenida 24. Da vantagem dessa mudança para o progresso de Espinho parece não restar dúvidas a todos aqueles que pelo menos sejam providos de uma mediana inteligência. Sucede, todavia, que uma certa qualidade de indivíduos só se sente bem contrariando e procurando desfazer ou prejudicar as boas obras preconcebidas e realizadas por outrem. Está neste caso o correspondente de certo jornal diário da vizinha cidade do Porto que julgando-se capaz de mudar a opinião pública tem o desprante de vir a público afirmar «que se os estragos do mar a muitas pessoas causou dolorosa impressão, a outras—aqueles que põem de parte o espírito bairrista só para verem realizados os seus desejos

vares. Folheou-o e escolheu a redondilha seguinte:

Quando às vezes considero
No teu raço pedantismo,
Não te vejo... vejo um zero
A' esquerda dum algarismo.

Não era preciso mais. Copiada a quadra por suas lindas mãos, assinou-a, e mandou-a para «Modas & Bordados», tendo, no entanto, o cuidado de modificar o segundo verso, para disfarçar, trocando-o por este de sua lavra engenhosa, reveladora de um talento creador capaz de fazer pataliscas no seu occipital saliente:

...No teu grande pedantismo...

Para ela, raro era adjectivo pobre. Grande sempre era uma coisa maior!...

Depois... passados dias—é claríssimo!—recebeu 100\$00 em vale postal, e sentiu-se feliz, segura do seu talento e da sua impunidade na maroteira praticada.

E o juri, constituído por illustres mulheres de letras que fez neste caso? Não fez nada. Nem deu pela fraude, o que prova o seu pouco cuidado, ou a sua excessiva boa fé, porque Silva Tavares é um poeta de nome feito, e os seus versos correm Portugal de lés a lés. Desconhecê-lo, entre altos espíritos letrados, é confissão de absoluta ignorância da nossa literatura!...

O caso aí fica registado para prevenção dos incautos, não me importando saber se Silva Tavares reagiu, como era digno e justo que reagisse, ou se deixou correr o marfim.

Eu é que não me dispense desta pequenina barreira ao sujo acto de rapinar praticado por uma menina bonita de Lisboa.

Pedro Manuel

—deram certa satisfação, porque diziam para os seus botões:—Agora a linha da C. P. é atacada e... ela aí vai às costas dos vareiros até Anta. Felizmente, tiveram completa desilusão, porque a linha não vai de onde está—e está ali muito bem».

É de pasmar, oh gentes!!! A linha não sai de onde está, porque está ali muito bem e quem ordena tudo isto é o senhor... Correspondente.

Com que então o senhor... Bota de Elástico entende que não são bairristas aqueles espinhenses que desejam ver as linhas da C. P. fora do actual leito que ocupam! E ousa classificar borolemente de crime o facto dessa mudança privar os forasteiros da preciosa comodidade de ter tudo à mão: restaurantes, cafés, Casino...

Ora, cebolório, cebolório, Senhor... É a propósito, porque não pede a esses tais indivíduos que querem a mudança da linha que transportem às costas dos tais vareiros o mercado semanal para a Rua 23, mesmo à beirinha da Rua 6? Assim é que ficava mesmo à mão para apreçar as regueifas e o feijão, sem ter de sair de casa de bengalinha na mão a comprar um raminho de «andorinhas», pois estamos no tempo delas.

Com franqueza, que se fosse de uma pessoa nova tão arcaica maneira de pensar dava vontade de escrever uma respostazinha mais concreta; como se trata, porém, de uma pessoa que podia ser nosso avô, limitamo-nos a apontar o facto e recomendar que de futuro, antes de escrever deve ir até à praia arejar um pouco essas ideias tão antiquadas e bafiantes.

A 1.ª do «Teatro S. Pedro» como teatro...

Não era nossa intenção fazer um pouco de «má língua» acerca da «première» (passe o termo) com que foi inaugurado o «Teatro S. Pedro» integrada na função que lhe presta o nome de teatro. No entanto, e porque escrevemos nesta «negregada» Voz dos Terríveis, somos forçados a envenenar a nossa benevolência e ser coerente com a agressividade caustica da secção ou rubrica em que pontificamos. Passemos pois adiante. Primeiro, esta companhia «Alves da Cunha» é má. Segundo, a peça «O Ladrão» é das mais maneirinhas do programa habitual da companhia em referência. Terceiro, a actriz Barbara Virginia está em embrião. Quarto, os «segundos» são de inferior categoria, pois até se esqueceram da esponja para apagar algumas barbaridades. Quinto, parece ter havido o propósito comercial, aliás infeliz, de escolher uma peça em que tomasse parte Barbara Virginia, que é



Sobre a dobragem

«Dobrar» um filme é substituir o sonoro em idioma de origem por um sonoro em idioma local.

Têm-se discutido muito as virtudes e os defeitos da «Dobragem». Pessoas bastante categorizadas no assunto têm-se entregado a polémicas, das quais pouca luz tem resultado.

Será, de facto, aconselhável o emprego da «dobragem»? Achamos, sinceramente, que não. Porquê? Porque, nas condições actuais do cinema em Portugal, ela não traria vantagens ao público e tornar-se-ia, até, um pouco ridícula.

E' sabido que, por enquanto, o nosso mercado é sustentado na sua maioria pela produção norte-americana portanto, os artistas que desempenham os papéis desses filmes, falam inglês, língua completamente diversa da nossa, do que resultaria, se se empregasse a «dobragem», ver-se um actor mover os lábios para dizer «yes» e ouvir-se um nítido «sim»—e este «sim» sairia em brasileiro e não em português, já que a maioria dos locutores de português que trabalham em Hollywood são brasileiros. Por outro lado, o público está já habituado às vozes dos seus actores predilectos, e não havia de gostar que os substituíssem.

Isto, é claro, tratando-se dos filmes em geral; porque se fôssemos ver os casos especiais dos filmes musicais ou do género revista, a «dobragem» tinha que estar constantemente a ser interrompida para que o actor (ou a actriz...), com a sua verdadeira voz, nos oferecesse uma canção ou uma imitação—coisas que o locutor encarregado da «dobragem» seria incapaz de fazer.

E' certo que o sistema das legendas tem, também, bastantes defeitos, sendo o maior de todos o obrigar o espectador a saber ler; quem não souber ler não compreende a fita. Mas achamos que, apesar de tudo, as legendas são preferíveis à «dobragem» porque esta tem ainda o condão de prejudicar o valor artístico da fita que, regra geral, é já bastante diminuto.

Continuemos, portanto, à velha maneira das legendas... para não sermos obrigados a ouvir o Gary Cooper a falar «tal e qual» como o Luiz Jatobá...

também conhecida como cineasta que demonstrou tanto de ousadia como de insuficiência de conhecimentos. Sexto, se a inauguração foi tanto tempo esperada a peça e a companhia deveriam ter sido melhor escolhidas. Que nos perdoe a empresa se a nossa razão está taldada, mas acreditamos também que não esteja...

PELO DESPORTO

ENTRADA EM CAMPO

DEDICAÇÃO

No mundo do desporto, muito, para não dizer tudo, se deve à carolice de um reduzido escol de homens de férrea vontade. São inúmeros os casos de modalidades desportivas, sobretudo as menos favorecidas pelas simpatias do grande público, que se mantiveram e progrediram à custa do esforço físico e sacrifício financeiro de uns quanto desportistas de primeira água.

Em Espinho, ignorado centro desportivo da província, essa província tão injustamente esquecida e menos prezada em benefício da capital, há também destes homens a quem veneramos e rendemos calorosa e sincera homenagem.

Para um, particularmente, queremos chamar a atenção dos leitores, dado que em breve vai abandonar a prática da modalidade desportiva em que deu provas de reconhecido valor e pela qual muito se sacrificou: Amparo Santiago.

Durante os seus dez anos de existência a Associação Académica de Espinho recebeu dele serviços inestimáveis e sem conta, em muito lhe devendo a posição extremamente honrosa que a colectividade ocupa no meio desportivo nortenho. Na Académica, Amparo Santiago foi tudo: director, jogador, torcedor e... cofre.

Sem o seu apoio moral e pecuniário, a secção de oquei em patins, quando em formação, teria abortado e não seria hoje, de entre todas as secções desportivas da Académica, a de maior projecção, apesar dos males de que enferma.

Prestando-lhe o seu auxílio como jogador demonstrou sempre acirrado amor pela camisola que lhe cingia o tronco e conseguia impossíveis pelo entusiasmo transbordante e contagioso que empregava em todas as jogadas.

Não o veremos mais pisando todos os recantos do rink, acorrendo ao ataque e à defesa, encorajando os colegas da equipa com as suas palavras e com o seu exemplo, verberando as atitudes deselegantes dos mais irritáveis; mas a Académica sabe que, em qualquer ocasião e desde que seja necessário, pode contar com o Amparo Santiago "para o que der e vier".

P. M.

Futebol

Tem tido o Sporting de Espinho duas fases perfeitamente distintas: a preparatória, que precedeu as eliminatórias do Campeonato da III Divisão, e a actual ou a disputa do citado Campeonato.

É um facto não se terem os dirigentes do club poupado a canseiras para conseguir uma posição de relêvo neste popular desporto. Possuem, de facto, um conjunto que, longe de ser bom, é já alguma coisa para o futebol da província, com boa defesa, médios regulares e uma linha dianteira com rapazes cheios de qualidades.

De domingo para domingo se tem notado um melhor entendimento entre os diferentes sectores onde se tem destacado o quinteto avançado. A circunstância de estar a ocupar o centro do terreno um jogador com rara habilidade para o lugar, jogando sempre á base de passes excelentemente executados onde a subtilidade da jogada predomina, ora servindo a asa direita ora a esquerda, faz com que os restantes dianteiros estejam sempre atentos à conclusão das jogadas que têm sempre final diferente conforme são concluídas por um ou por outro dos extremos. A extrema direita é ocupada presentemente por um jogador jovem e

habilidoso que possui bom domínio de bola e joga á base de desmarcações constantes e toques rápidos com bastante engôdo pela baliza e já a extrema esquerda é ocupada por outro jogador com forma de jogo absolutamente diferente, isto é, à base de boa corrida e de fortíssimo remate que constituem a sua principal qualidade, sendo o melhor marcador do seu clube. Estas toadas diferentes podem até ser justificadas pela diferença atlética dos seus ocupantes. Os interiores têm bom domínio de bola e possuem corrida suficiente para acompanharem as jogadas. Pena é que por vezes mostrem publicamente o seu descontentamento com os seus colegas de equipa. Os médios, melhor a destruir que a construir, devem ser presentemente o sector mais fraco do conjunto. Os defesas são também melhores a destruir que a construir, possuindo no entanto, boa corrida com que muitas vezes suprem a falta de colocação no terreno. O guarda-rêdes tem sido bastante seguro se bem que, por vezes, preocupado em fazer defesas de estilo que em muitos casos colocam em perigo as suas balizas.

* * *

Constituíram a fase preparatória os jogos levados a efeito no Campo da Avenida contra o Lu-

sitânia de Lourosa e Oliveirense. No primeiro lograram os locais uma magra vitória por 3-2, não tendo patenteado a superioridade inegável que têm sobre o adversário; no segundo, os oliveirenses, que disputaram esta época o campeonato Nacional da II Divisão, saíram vencidos por 4-2. Os locais tiveram neste desafio a sua tarefa facilitada por os adversários se apresentarem desfalcados da sua linha média e um defesa. Mesmo assim os visitantes mostraram boa preparação, vindo ao de cima a vantagem de jogar com adversários de certa envergadura como os seus colegas da II Divisão.

Na disputa do Campeonato Nacional da III Divisão, o Sporting bateu, duas vezes consecutivas, o Leça, demonstrou mais capacidade de remate e melhor apuro técnico, enquanto que os adversários se mostraram destreinados, consequência natural da inactividade a que foram forçados desde Novembro de 1947.

A visita do Benfica

Constituiu verdadeira apoteose a vinda do S. L. Benfica a Espinho em homenagem a um seu antigo jogador, actualmente exercendo as funções de treinador do Sporting local. César Ferreira mercidamente constatou o apreço em que é tido pelos desportistas locais, e deve ter conquistado justa recompensa material dado que o popular club lisboeta constituiu o melhor cartaz do futebol nacional. Para o encontro que se disputou entre os locais e os da capital foi instituída uma taça com o nome de Joaquim Moreira da Costa Júnior, que todos sabemos ser simultaneamente benfiquista de gema e sportinguistas 100%. Os forasteiros venceram com justiça por 3-2 se bem que só na segunda metade dos 45 minutos finais os espinhenses começaram a fazer o seu melhor, jogando quasi de igual para igual. Em jogo preliminar e para a disputa da «Taça Armando Crespo» defrontaram-se o Vilanovense e o Estarreja que ao terminar o desafio estavam empatados a duas bolas.

No início do jogo principal a Direcção do S. C. E. ofereceu aos visitantes um lindo galhardete comemorativo deste encontro e o homenageado distribuiu aos componentes de ambos os grupos medalhas mandadas cunhar para o efeito, distinguindo o chefe da secção do Sporting Alexandre Reis e o capitão da equipa local Vivas com medalhas por ele conquistadas quando ao serviço do popular Benfica.

A. L.

Basquetebol

A despeito das imensas dificuldades, que desde há muito cercam a prática deste belo e salutar desporto na nossa colectividade, ele vai progredindo realmente, ainda que lentamente.

Para que se chegue à conclusão de que o facto enunciado é uma autêntica realidade e não um mero produto propagandístico de certos fanáticos—como de espírito

leve pretendem alguns cépticos, basta ver desapassionadamente os acontecimentos, fazendo-os acompanhar das suas circunstâncias agravantes, para se concluir que de facto alguma coisa se tem adiantado na prática do basquetebol.

A provar a nossa asserção, apresenta-se aos olhos de quem ver o regular comportamento da equipa no Campeonato Distrital de Aveiro, as suas exibições brilhantes nalguns jogos particulares com o Portuense Desporto, forte agrupamento da divisão de honra do Porto, Instituto Commercial do Porto, club académico do qual faziam parte alguns componentes dos grupos A e B da Selecção do Porto.

Temos perdido há cinco domingos consecutivos, mas afirmando sempre uma inegável subida de forma de jogo para jogo, facto assinalado pelos próprios adversários e seus dirigentes,

E isto seria já por si notável se não fossem também tomadas em consideração as circunstâncias especiais e precárias em que a modalidade vive em Espinho e a impossibilidade do treinador—Manuel Anjos Neves—poder assistir e dirigir todos os treinos, devido aos seus afazeres profissionais.

Eis alguns resultados:

1.ª volta da poule final do Campeonato Regional:
Sangalhos Desporto Club, 42
Ass. Académica, 17

A Académica apresentou—Rocha, Hernani, Veiga (2), Pires (3), Jorge (11), Sérgio (1) e Serralva.

Académica, 15 — Esgueira, 61

A Académica apresentou: Rocha, Hernani, Sérgio, Jorge (13), João (2), Veiga e Lopes.

Encontros particulares
Club Portuense de Desp, 33
Académica, 15

A Académica apresentou: Sérgio, Pires, João (2), Hernani (2), Jorge (11), e Veiga.

Instituto Commercial do Porto, 41
Ass. Académica, 23

Os locais apresentaram: Veiga, Sérgio (5), Hernani, Jorge (14), Horta (4) e Sá Couto.

Para este encontro a Académica incluiu na sua linha dois elementos do júniores, Horta e Sá Couto.

CASTIGOS

A Direcção da A. A. E. decidiu castigar com suspensão de toda a actividade desportiva pelo prazo de um ano o atleta João da Cunha Gonçalves por, durante um treino, sem respeito pela camisola que vestia, ter ofendido um director, o seu chefe de secção e os próprios colegas de equipa. Na fixação deste castigo foi recordada suspensão de uma pena anterior, e vai ser dado conhecimento da decisão tomada às Associações Regionais em que se encontra inscrito o referido atleta.

O bom nome do club e a maneira como o desporto é encarado na Académica são incompatíveis com deselegâncias ou incorrecções pelo que a Direcção da A. A. E. não transigirá com as faltas cometidas por qualquer dos seus praticantes.



Diracção de: Florantio Goulart Nogueira

D. João, o escravo

Conto de José Roiz

Desde a escola, as raparigas o espreitavam e passavam den-
gostas, artificiais, diante dele. Se-
gredavam entre si, disputavam
entre si, inventavam olhares ou
galanteios que ele lhes dirigia.
Desde o tempo de Escola, Antó-
nio era bonito. Muito branco,
alto, delgado e direito, tinha a
elegância elástica, ao mesmo tem-
po rétesa e natural, de um prin-
cipe, tinha o encanto feminino e
a solidez masculina de um pagem
adolescente. A voz, um pouco
lenta, enleava como as algas. Os
olhos eram verdes, mas dum verde
quente e espesso que uma chama
interior acendia e aveludava. O
rosto era comprido e dum con-
torno perfeito. As pestanas lon-
gas, escuras e recurvas. Os lá-
bios sangrentos, quasi finos, re-
cortados. Os dentes muito cer-
tos, alvos, sólidos. O pescoço
alto e torneado. Com o tempo,
António robusteceu-se, fez-se
homem, perdeu o encanto femi-
nil de adolescente, acentuou o
nodoso dos músculos, ganhou um
fluido poderoso de macho. E
aquele perfume de carne, aquele
todo sensual de força, de equilí-
brio, de domínio, entontecia as
môças, pulsava-lhes nas veias,
sabia-lhes na bôca, ensonava-lhes
os olhos em delíquos, em sonhos,
em desejos... António sabia tudo
isto. E à vaidade de saber-se
querido, juntava-se a aspiração
de tê-las todas sem que nenhuma
o tivesse. Uma doeira de ove-
lhas foi a primeira. Seguiu-se
outra doeira. Sem remorsos,
antes com alegria, assistiu aos
ciúmes delas, aos seus choros,
aos seus despiques. E foi de
uma para outra, de rapariga em
rapariga, quantas!, quantas!, que
nem nunca a aldeia saberá to-
das! Até que chegou à Miqui-
nhas da Ribeira. Estava em
casa do sr. Angelo e diziam que
era filha deste. Concerteza, her-
dava-lhe os bens. Bom casa-
mento. arranjará. depois, apesar
duns zunzuns que corriam. Le-
viana, não haja dúvida.

Mas a riqueza e a pessoa, va-
mos lá que apagaríamos as fuma-
ças do povo. Linda cara e jeí-
toso corpo tinha a Miquinhas da
Ribeira! Morena e rosada, ne-
gras pupilas risonhas, longos cí-
lios, carnuda e quente bôca, de-
senho perfeito no rostó arredon-
dado. E arredondados pomos
duros, duras carnes estuantes,
pequena e tatura, cabelo de pi-
che... Pomos, carnes, boca cha-
mando a posse, o amor violento,

as noites cálidas...—e chamando
António.

Miquinhas da Ribeira apare-
ceu grávida. Dr. Angelo pô-la
fora. Miquinhas era menor e
António foi chamado a responsa-
bílidades. Mas opôs-se. Não!
Não queria! Ele só casava com
ela obrigado! E ela queria-o
livre. Se ele quizesse...—sim!,
então sim! De outra maneira,
cada um ficava como dantes, ela
só com o filho a mais... E havia
de criar o filho! Deixá-lo! Era
deixarem António!

António ficou livre. Então,
surgiu ante os seus desejos a
figura doce e esboçada de Luzia.
Tinha ela o pai entrêvado e dois
irmãozitos pequenos, além de
uma sobrinhita órfã. Mais nin-
guém.

Representava, portanto, o
amparo da família, quem gran-
geava o sustento. Fazia recados,
transportava, a pé, as malas do
correio da vila a dez quilómetros,
para a aldeia onde vivia. O resto
do tempo, trabalhava uma cou-
rela de terra, mas tudo, tudo se
reduzia a pouco e nada chegava
a nada, que ela era só, susten-
tando os quatro.

A caridade da aldeia era me-
dida e comedida. Uma pessoa,
apenas, começou a interessar-se
mais por ela e a ajudá-la. Antó-
nio, o carpinteiro. vinha e tra-
zia-lhe gêneros para ela lhe cozi-
nhar—mas isso era um pretexto,
pois ele só comia uma pequena
parte do que mandava preparar
e deixava o sobejo para ela e os
seus. Luzia estava-lhe grata,
muito grata, embora não sei que
lhe desagradasse em António;
António, para quem Miquinhas
fôra uma circundante e possesora
chama, sentia agora um anseio
criminoso, imperial, irrecusável.

O seu corpo ganhava instintos
novos, a sua sensualidade tinha
uma nova forma, as suas veias
outrora de licor e de rubis em
braza eram agora como a quen-
tura leve do champanhe, duma
perturbação vaga, indistinta e
escravizante. Queria possuir
Luzia e violá-la seria um sabor
inédito e cumieiro; pois seria
como violar uma criança, uma
noiva viúva, uma defunta, qual-
quer monja, um sonho... Era o
sonho, o delírio, a obsessão, a
dor e a volúpia de António: ter
nos braços, estreitada e frágil,
Luzia triste, dar o seu sexo forte,
ardoso, rasgador ao sexo espec-
tante, quente, delicado de Luzia.
A fome veio. A sedução come-

HISTÓRIA

III

Como se deve estudar História

A História é um todo, uma
sequência, um curso evolutivo de
acontecimentos. Portanto, os fac-
tos não são independentes, mas
ligados entre si e condicionados
e, mesmo, gerados pelos anterio-
res. Uma civilização é, sempre,
filha de outra, até entrarmos na
barbárie. Por conseguinte, ao
estudar História Universal tem-
mos de a ver como um rio desde
a nascente até determinado ponto
e sabendo que o rio continuará,
escondido aos nossos olhos, cor-
rendo para a foz.

A História Universal (como
as histórias particulares) de fila
em nossa mente, segundo dois
trabalhos paralelos que represen-
tam duas visões, uma interior à
outra. Uma visão do mundo é
evolutiva, total e sintética; quer
dizer: por ela vejo o mundo in-
teiro desenvolvendo-se nos seus
acontecimentos. A outra visão
do mundo é evolutiva, total e ana-
lítica; quer dizer: vejo por exem-
plo, a evolução de cada Nação e,
vendo a de todas nações ao mes-
mo tempo, transporto-me à visão
sintética e geral.

Evidentemente que a História
não tem cortes. Os marcos que
lhe pomos são, apenas, comodi-

cou. A miséria e um momento
de turbação no sangue, um grito
de sensualidade e o martelar da
fome, venceram-na! Luzia! Com-
prou-a António. Comprou o
vulto melancólico e esguio, os
cabelos dum loiro desbotado, os
olhos dum azul diluído, a pele
finíssima e nevada, o fino dese-
nho da bôca, a linha fidalga do
detalhe, a beleza rendada do todo.
Comprou aquela figura medieva,
arrancada dum vitral, dum conto
de fadas, da imagem dum mio-
sótis.

Sadicamente, violou-a, calou-
-lhe o corpo leve com seu corpo
de ferro, percorreu-lhe o véu da
espiritualidade com sua luxúria
vermelha...

Mas D. João era escravo da
sua luxúria. E o Judeu Errante,
de corpo em corpo, nunca pôde
parar. Um dia casou. Con-
tinuou de corpo em corpo. Só
Luzia lhe foi perdoada, por ser
mais do que carne: ser espírito.
Morreu Luzia. Ele prosseguiu de
corpo em corpo, mais a dor. E,
de corpo em corpo, se um dia
parar diante de um corpo—esse
é proibido.

Só ao proibido somos fiéis.

dade de estudo. E, no estudo da
História acho que o melhor pro-
cesso é, de facto, dividi-la em
compartimentos e em comparti-
mentos cronológicos. Para cada
país, façamos o estudo por reina-
dos; para a História Universal,
façamo-lo por meios séculos. Na
mente do estudante, os aconteci-
mentos desfilam como num filme.
O estudante lança a objectiva
pelos sucessivos cantos do globo
durante meia centúria.

Por exemplo: 1.ª metade do
séc. XV—A Rússia, sob um go-
verno de tal natureza, estava di-
vidida em tais estados, aconteceu
isto e aquilo: a Polónia...; a
Prússia...; a Alemanha com os
seus estados tais e tais...; os
Balcãs...; a Itália...; etc, etc.
(passando pelos outros países
europeus); na África, o Egito...
Marrocos...; a Abissínia...; o
resto do continente...; na Amé-
rica, os Aztecas...; os Incas...
os Maias, etc., etc.; na Ásia, a
China...; a Índia...; etc., etc.
E assim percorremos todo o mun-
do da 1.ª metade do séc. XV,
embora nos demoremos mais,
àquem ou além. Depois, iremos
percorrê-lo na 2.ª metade do sé-
culo e veremos, neste país ou na-
quele, prosseguir tal ou qual
empresa que deixamos interrom-
pida, novos acontecimentos e ci-
clos novos. Teremos o cuidado
de mencionar em cada período os
factos nos períodos seguintes.

Estudando, nós lemos os com-
pêndios ou os tratados e dispo-
mos a matéria lida, segundo os
compartimentos e as construções
previamente resolvidos. Prepa-
ramos uma lista onde citamos os
livros que sucessivamente vamos
consultando e, à frente de cada
título, escrevemos uma abrevia-
tura, letras ou sinal convencionais
que designarão o mesmo livro.
Quando tomarmos qualquer nota,
mencionaremos sempre a fonte
de informação, apondo à nota
a tal abreviatura e indicando a
página e o volume. Em lingua-
dos encimados pelos nomes de
reinos, impérios, ducados, conda-
dos, etc., etc., iremos apontando
os respectivos governantes (e,
quando pudermos, o período do
seu governo), conforme nos sur-
gir, nesta fonte ou naquela, qual-
quer referência a eles. Também
em linguados, citaremos os che-
fes de ordens militares, abades de
conventos, condestáveis, detentor-
es de cargos célebres, etc., etc.
Em papel vegetal colocado sobre
os mapas que acharmos em Atlas
ou em livros, copiaremos o con-
torno dos países e rectificaremos
as fronteiras, conforme as modi-
ficações importantes que formos
vendo no decurso da História.
Desenharemos um mapa (de con-
tinentes, reino, império ou estado)
para cada modificação importante
e mais ou menos estável, isto é,
que se manteve durante um con-
siderável período de tempo. No
mapa de cada continente, demar-
caremos os estados (e, às vezes,
os ducados, províncias, etc.); no
mapa de cada estado, demarcare-
mos as províncias e as divisões e
sub-divisões aristocráticas. Con-
vém usarmos as cores. Quando
as modificações são muito fre-
quentes, como sejam as de esta-
dos ora fraccionados ora unifica-
dos, de pais para filhos, de irmãos

Continua no próximo número

SOLCRIS

...é um store

ARMAZEM DE MERCEARIASCereais — Toucinho
Gorduras — Sabões**Aires & Magalhães, L.da**

605 — RUA 22 — 609

(Em frente aos novos Poços do Concelho)

Telefone 342
ESPINHO**Agrupamento Comercial e Industrial, L.da**

FÁBRICA DE ESPELHOS

BISELAGEM
ESPELHAÇÃO
FOSCAGEM
Gravura artística
em vidroCRISTAL
EM CHAPAVidro impresso
em todas as cores

Telefone, 75

Telegramas: ACIL

FÁBRICA E ESCRITÓRIO:

OVAR

LARGO 1.º DE DEZEMBRO

DUARTE & C.ª

— Armazenistas de Mercaria —

Rua 19 - **ESPINHO**

SECCÕES DE VENDA A PÚBLICO:

Merccaria Porto ESPINHO

Riadores, 104 - Tel. 3771

— **GAIA** —

Rua Dezanove - Telef. 16

SABOARIA ATLANTICARua 26 — **ESPINHO****Cadinha & Couto**

Armazenistas de Mercaria

Azeite, Cereais, etc.

RUA DEZOITO
Telefone, 52
ESPINHO**DIAS & IRMÃO, L.DA**

Armazenistas — Mercaria fina

Unicos agentes oficiais do concelho
de Espinho dos Radios PHILIPS

Rua 8 n.º 583

ESPINHO**TIPOGRAFIA PROGRESSO**Execução de trabalhos tipográficos
em todos os géneros

RUAS 11 E 20

ESPINHO

ANTES E DEPOIS DO CINEMA VÁ AO

SOL D'OIRO

(PEGADO AO TEATRO S. PEDRO)

RUA OITO

(Caves da Sede do Sporting Espinho)

Cervejaria, Café, Bar com
secção de Adega RegionalARMAZÉM DE MERCEARIAS FINAS
— CHÁS E CAFÉS —
GRANDE DEPÓSITO DE CONSERVASTELEFONE N.º 37
APARTADO 37**União Comercial de Espinho, L.ª**
ARMAZENISTAS

FÁBRICAS DE:

TORREFACÇÃO E MOAGEM
LICORES E XAROPES— **UNIÃO** —Rua 19 — 409 a 421
ESPINHO**PADARIA PROGRESSO**

DE

Manuel Maria Valente**DISTRIBUIÇÃO AOS DOMICILIOS**Fabrico esmerado de todas
— as qualidades de pão —

Telefone 6 - (PARAMOS)

SILVALDE**PADARIA MECANICA****A PÉROLA DE ESPINHO**

— DE FARIA & IRMÃO —

Especialidade em pão sem fermento artificial, Pão francês de luxo,
bijou, etc. Fabrico esmerado e higiénico pelos mais modernos
mecanismos. A higiene é a divisa da Padaria «PÉROLA»
ENTRADA LIVRE

RUA 16 — 231 — Telefone 84

ESPINHO**FARINHAS, CEREAIS E MERCEARIAS**

— VENDAS POR JUNTO —

Baptista & Oliveiras

Unicos representantes em Espinho de

Fábrica de Massas Alimenticias «Mila-
neza» SABOARIA DO BOLHÃO, L.ª
Fábrica Portuguesa de Fermentos Ho-
landeses, L.ª
ADUBOS «S. A. P. E. C.»Telef. 21
gramas: FADINHA;
APARTADO, 5

Rua 62-ESPINHO

PADARIA PRIMOROSA

de - AFONSO FERREIRA GAIO

Pão de trigo e de milho — Especia-
lidade em fabrico de pão de milho— **ESMERO E ASSEIO** —

Rua 14, 833

ESPINHO

SE BOM SÓCIO
DA
ASS. ACADÉMICA
ASSINANDO O
Boletim

Boletim

SE BOM ASSINANTE
DO
Boletim
ANGARIANDO
ASSINANTES

DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

Problemas e Interesses Locais

II — Propaganda Turística

Ao terminar o artigo do último número do «Boletim», afirmamos que a análise do problema local do Turismo, compreendia necessariamente a enumeração dos valores ou atrações turísticas que Espinho possui, a crítica da sua propaganda e da sua boa coordenação.

Todos nós sabemos que Espinho é uma grande Praia, podendo proporcionar aos seus frequentadores inúmeros prazeres, diversões e passatempos.

Em Espinho pode fazer-se *Vida ao ar livre* na praia, na piscina, na abandonada barrinha, nas esplanadas, etc.

Há bailes, música, jogos, no Casino e na Piscina.

Há espectáculos de cinema, teatro, music-hall e toiros.

Assistimos a competições desportivas e temos a possibilidade de prática desportiva, na Piscina no Campo da Avenida, no Rink de Patinagem, no Campo de Golf, nos Cortes de Ténis.

A todas estas atrações teremos que acrescentar a grande quantidade e diversidade de alojamentos que Espinho pode proporcionar e as excepcionais facilidades de comunicações que apresenta.

Mas, isto sabemos-lo nós que cá vivemos e conhecemos de sobra a qualidade e valia dos valores enumerados.

Há no entanto por esse País fora muita gente que conhece mal Espinho ou quasi o desconhece.

Eis porque se impõe inadiavelmente uma *propaganda* insistente e bem ordenada, como primeiro elemento de êxito, se quisermos ampliar e melhorar a vida turística local.

Também sabemos todos que os elementos essenciais dessa propaganda hão-de ser o *cartaz*, o *opúsculo* e o *programa*.

Já há muitos anos que não se faz um cartaz de Espinho e que me lembre, o último existente pecava por exagêro de simbolismo modernista e limitado âmbito anunciador.

De resto, via-se mais em Espinho, onde menos necessário era, que em quaisquer outros lugares.

Impõe-se a realização gráfica dum cartaz digno da Praia, que não peque pela preocupação de constituir uma obra de arte para ser apreciada só por alguns de requintada sensibilidade artística mas seja antes suficientemente claro e legível para poder ser entendido e apreciado à primeira vista por qualquer homem comum.

E' desse género, simples na concepção, o tipo de cartaz que numa composição harmónica mostra em pequenos retalhos bem coloridos, detalhes sugestivos de cada uma das atrações que se deseja pôr em evidência aos olhos de turista.

Usam-no muito por esse mundo fora, concerteza com êxito, dada a frequência com que o vemos quer no Cinema quer em variadíssimas revistas.

Mas, do género apontado, ou doutro qualquer que se repute melhor, é *essencial o cartaz*, liberalmente distribuído por todas as terras do País.

— Como segundo elemento de propaganda vem o *opúsculo*, profusamente ilustrado com fotografias, em que detalhadamente se pode descrever e mostrar o conjunto das atrações e prazeres que Espinho pode proporcionar.

— Em regra, nos opúsculos até agora editados por particulares, a preocupação do lucro faz com que se caia excessivamente no tom louvaminheiro do anúncio pago à linha, em que se diz muito bem de tudo, pondo o leitor de sobreaviso quanto à possibilidade de existirem tantas coisas com tão excelentes qualidades.

O simples tom narrativo, sem exageros, deve servir melhor os fins em vista que a tendência geral para designar coisas como «as melhores da Península». Aliás, mesmo que tal possa suceder às vezes, não é isso necessário, mas sim que sejam boas.

O terceiro elemento essencial da propaganda turística é o *Programa*.

Sendo o de mais fácil realização gráfica, é talvez o de mais difícil ponderação e elaboração.

Nele se tem de indicar com antecedência bastante, quais as festas de carácter excepcional que se virão a realizar no decorrer de toda a época balnear em complemento das diversões diárias e habituais.

A organização desse programa implica boa coordenação dos programas particulares das diversas empresas locais a quem interessa o turismo e supõe de antemão o acôrdo de todos para benefício comum.

Eis as linhas gerais a que terá de satisfazer qualquer propósito sério de propaganda de Espinho, para que dela se venham a colher os correspondentes benefícios.

Tudo o que fica escrito é do

APELO

A Direcção da A. A. E. chegou finalmente a acôrdo com a empresa «Tavares & Fonseca» para o trespasse da casa anexa ao Rink onde se pretende instalar, além de balneários decentes e higiênicos onde os atletas locais ou forasteiros estejam melhor acomodados e onde se possa armazenar seguramente todo o material desportivo, a Secretaria do clube. Pelos muitos inconvenientes verificados desde há muito, esta instalação de uma Secretaria devidamente montada tornou-se necessária e felizmente será uma realidade tal inspiração.

Pelas condições expressas no contrato a assinar dentro em breve, a A. A. E. necessita de satisfazer de entrada um pagamento de cinco mil escudos, quantia esta que, acrescida à que é necessária para as obras a efectuar no referido edifício não pode ser retirada das receitas normais do clube.

Os cofres da A. A. E. estão assoberbados por despesas regulares e inadiáveis que esgotam por completo o numerário exist-

Continua na pág 2

conhecimento comum. Não se pretende ter descoberto a pólvora. Unicamente se recordam projectos de todos sabidos, mas que mercê de factores vários ninguém tem posto em prática, quando afinal é isso que se torna inadiavelmente urgente e necessário.

A. Nunes das Neves

FOI HETIM MENSAL

Por: José Corte-Real (PEPE)

QUE ISTO DE SER-SE...

CAPITALISTA...

E' profissão de quem é rico. Nasce-se rico como se pode nascer nobre. Herda-se o suor do rosto de outrem como se lhe pode herdar o sangue. Há fortunas que são sangue, suor e lágrimas. Que esta frase não é minha... mas podia muito bem sê-lo. Para muitos o capital é um roubo. E' possível que assim seja; e é possível que o não seja. Todos tivemos ocasião de ser ladrões... mas daqui se não depreende que todos tenhamos tido a ocasião de sermos ricos. Se muitos enriqueceram pelo roubo não podemos generalizar os casos. O trabalho honesto pode conduzir à riqueza. Tudo depende do modo como se trabalha. O homem que enriquece dum dia para o outro

nem sempre o faz honestamente. A riqueza bem ganha, é um somatório e não um salto no infinito. Que isto de ser rico hoje e pobre amanhã pode ser infelicidade mas está geralmente unido à especulação. O especulador é um aventureiro no capitalismo. Para ele não existe o meio termo. Que isto de ser aventureiro tem páginas brilhantes e sombrias. Ou se transforma em um magnate ou termina na prisão.

O homem que não enriquece pelo seu trabalho mas devido a golpes de sorte do destino é um perdulário. Não solidariza a sua fortuna, não lhe dá uma base firme, convencido da facilidade de se enriquecer. A' primeira aragem todo o seu edificio capitalista derrue, cai, tal baralho de cartas. O homem que trabalha dá o devido valor ao seu capital. Garante-o, estabiliza-o, defende-o contra as possíveis tempestades económicas. Que isto de ser rico não é ter dinheiro. Que isto de ser rico não é gastar dinheiro sem olhar a capitais ou rendimentos. O homem que perde a noção do valor dum escudo perdeu a noção do valor do seu capital.

Que isto de ser capitalista exige conhecimentos. E', sem dúvida, uma profissão. Gerir um capital exige discernimento. O capitalista que não é humano... é um

tirano. Deve pensar com o cérebro sem esquecer o coração. Não é minha intenção meter política no caso. Porque isto de política é para os que pretendem subir à custa do povo ou pretendem renegar o povo. Existem muitos descontentes com a vida, concordo. Mas o qual só deles pode ter remédio. Porque quem foi filho dum nobre e viveu na opulência... e mais tarde, por azares do destino, se transformou em empregado público, deve viver como um empregado público e não como um nobre. A maior parte dos descontentes sociais pertencem à classe dos que se não adaptam às suas verdadeiras posições sociais. Eu digo isto sem intenção política. A política é um assunto sério, muito sério, até, e seria pouco digno brincar com ela. Que isto de política e politiquice é bem diferente. Talvez eu fale do assunto; talvez não fale.

Seja como fôr, que isto de ser rico é uma questão de sorte: ou nasce-se ou trabalha-se para isso. Honesta ou desonestamente? Meus senhores: que isto de ser ou não honesto é questão de pr'ima. E sobre este assunto eu farei lareil decerto. Mas honesto ou desonesto, o rico é sempre rico. E já disse Jesus: É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos Ceus.